

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

IMITAÇÃO DE DIVERSOS AUTORES.

MEIRA, João de

Ano: 2012-2013 | Número: 122-123

Como citar este documento:

MEIRA, João de, Imitação de diversos autores. *Revista de Guimarães*, 122-123 Jan.-Dez. 2012-2013, p. 141-150.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

IMITAÇÃO DE DIVERSOS AUTORES*

João de Meira

Antelóquio

Feixe de imitações, *pastiches*, ou o quer que é, pretende seu autor que breve explicação eu aqui lhe exare. Vá de fazer-lhe a vontade. Mais não pode ser, conforme em seu recente volume da *Formation du style* o francês Albalat pretende, esta ordem de trabalhos que, de ginástica literária, simples exercício. E quão fácil seja imitar um autor, pois que difícil se não torna apanhar-lhe os defeitos e exagerá-los em traço caricatural, vai para um século que o Marquês de Roure o escreveu.

Mas verdade manda que dito fique ser o *pastiche* um estudo útil, que leva a analisar o estilo dos mestres e orienta para que um estilo próprio se obtenha, embora paradoxal pareça. Eis o que tenho a frisar tão só, já que da personalidade a que o livro à consagrado ocupar-me não quero, que lugar, e de destaque, lhe reservo em *Os do Liceu*, livro que tenho planeado sobre a geração em que o único desaproveitado precisamente sou.

Bruno [aliás, João de Meira, 1911].

* Os textos que seguem foram escritos por João de Meira em 1911, para serem lidos num jantar de homenagem ao professor Maximiano de Lemos. Publicados originalmente num folheto, foram reproduzidos no jornal *Ecos de Guimarães*, n.º 202, de 10 de Março de 1918.

Cantar de amigo

Ay flores, ay flores do verde mato,
Se sabedes novas do autor do Amato,
Ay Deus, e ué?

Ay pozes, ay pozes, pozes de bismuto,
Se sabedes novas de quem fez Zacuto
Ay Deus, e ué?

Ay neve, ay neve, neve em avalanches,
Se sabedes novas do autor do Sanches,
Ay Deus, e ué?

Ay flores, ay flores, de todo o ano,
Se sabedes novas do Maximiano,
Ay Deus, e ué?

Vos perguntades por Maximiano
E eu bem digo que ele é vivo e sano,
Ay Deus, e ué?

Rei Dom Dinis [aliás, João de Meira, 1911]

Saudade

Qual o doce ribeiro, que de leve
Atravessa mil prados e campinas
E as águas parte, que depois recebe,
Em duas puras fontes cristalinas,
Juntas as nossas vidas tempo breve
Se apartaram depois por várias sinas,
E agora vão seguindo de ano em ano,
Pobres vidas, de engano em desengano.
Mas se a água dos rios não percebe
Saudade de outras águas diamantinas,
Não são gémeas das águas, nem se deve
Às águas comparar vidas tão dignas;
Que por longe que o triste fado as leve
Saudades vem juntar as peregrinas,
Sem esperar que ao fim de tanto engano
As junte a morte, que é profundo oceano.

Luís de Camões [aliás, João de Meira, 1911]

O seu retrato

Verruga no nariz, barba aguçada.
Curta a vista, o pescoço e o cabelo;
Gordo, mas não de mais, um ar singelo,
A mão pelo cigarro defumada.

Linda gravata, roupa bem talhada,
Chapéu em que Avelino pôs bom pêlo,
Colete que o Viegas cora ao vê-lo.
Bota de couro inglês bem engraxada.

Escritor que procura novidades
Nos entulhos do eterno esquecimento
E assim faz reviver outras idades.

Eis Lemos, em quem luz grande talento.
Um colega escreveu estas verdades
Dizendo ser Bocage em tal momento.

Bocage [aliás, João de Meira, 1911]

Inveja

Quando ele entrava na Escola,
Em tempo de maior bitola,
Alguns se punham a bradar:
- Aí vem o Maximiano,
É o terror do terceiro ano.
Rapazes, toca a estudar!

E chegados aos exames
Eram raposas aos enxames,
Eram raposas de escacar!
Mas ninguém topa, com verdade,
Uma falta de probidade
Para poder vir-lhe assacar!

Passou, depois, ao quinto ano,
Aí tornou-se mais humano,
Como bem era de esperar,
Já não dava raposaria,
Que tal lugar não permitia
Por ir o curso terminar!

Há pouco, enfim, chegou-lhe a hora
De poder ir por aí fora,
E a nossa Escola abandonar.
Deixa saudade e deixa inveja,
Pois, ai de nós! quem não deseja
Na sua pele poder estar!

António Nobre [aliás João de Meira, 1911]

Crónica

Em aqwesto tempo vivya em Gaya que ora chamom villa nova delRey un homê muy honrado e bom letrado, amiguo de poer por letra as vidas dos que antiguamente uzaram de çologgia e physica, e lia physica no Estudo do Porto O qual se chamava Mestre Maximiano e era muy aceyte delRey, que folgava muyto de o ouvir. E sendo de LI annos pouco mais e menos se veio aa junta, que o reformassem, que era sordo e mais nom podia ler physica; e o reformaram e se foi ende a tornar pera seu: livros. Por cujo aazo prouge a seus amiguos de lhe offerecer de jantar que todos comeram e grandemente lhes prestou.

Fernão Lopes [aliás, João de Meira, 1911]

Auto do jantar

Figuras: RUBENA, BRAZ

Este auto foi representado ao muito poderoso senhor D. Maximiano no ano de 1911, no Porto.

BRAZ – Deixa-me ver o tabardo
E a minha carapuça!

RUBENA – Donde vás, por saber ardo ?

BRAZ – Mulher estás uma ussa,
Não sejas curisidosa,
Que não é cousa formosa,
Cata amanhos que fazer,
Não sejas intrometida.

RUBENA – Io lo quiero saber,
Pues que soy io tu mujer!

BRAZ – Não virá por ti má trama,
Que me importuna teu zello?
Não vou com outra na cama...

RUBENA – Y parte, Dios de lo cielo!

BRAZ – Cala-t'hi boca praguenta,
Fuge lá, bicha sarnenta,
Que vou jantar com amigos,
E mail-o Maximiano,
Que ora foi reformado,
E vae viver descaçado.
Cuidarás tu que t'engano?
Ficam-te ahi quatro figos
E um salemim d'azeitonas,
Já muito tens que comer,
Se lhe aproveitar's as tonas,
Emquanto eu não vier.

Gil Vicente [aliás, João de Meira, 1911]

Maximiano médecin-légiste

Le cadavre était couché sur la table. Ses chairs flasques pendaient et sa peau ridée semblait trop grande pour ses muscles. Toute une moitié du crâne avait disparue, prise et broyée entre deux rouages dans l'usine. La cervelle avait jailli, et des taches de sang éclaboussaient son cou, ses bras et sa poitrine velue comme celle d'un singe. Des os pointaient à ses coudes, ses ongles étaient brodés de noir. Il n'avait plus de pieds; seulement des paquets de nerfs arrachés pendaient aux extrémités de ses jambes coupées, comme des cordages à la mature d'un navire.

Maximiano parut, un bistouri à la main. Il renifla l'air, il hocha la tête et il lâcha; - Nom de nom de Dieu! Faut que je répète pour la centième fois que je veux ces portes toujours ouvertes? On ne peut pas tenir avec une puanteur pareille!

Le vieux employé s'avança clopin-clopan; il trainait la jambe gauche et lou-chait d'une façon terrible. Sans une parole, de ses mains noueuses et rouges, marbrées de cicatrices et de taches brunes, il ouvrit la porte toute grande.

L'air extérieur s'engouffra dans la large baie, balayant les mauvaises odeurs, agitant une mèche de cheveux restée à la tempe droite du mort, apportant du dehors les senteurs amoureuses du printemps, si puissantes que le propre cadavre en parut ému.

Alors Maximiano se rapprocha de la table; et regardant d'un œil impassible et froid cette lamentable guenille, où il manquait le crâne et les pieds: - Voilà, dit-il, une affaire qui n'a ni queue ni tête.

Émile Zola [aliás, João de Meira, 1911]

Rimance popular

O dia 8 d'agosto
É dia de festejar!
E a nobre vila da Régua
Jamais o há-de olvidar,
Que nesse dia nasceu
Quem muito a há-de ilustrar,
Quem muito já a ilustrou
E há-de continuar...
Maximiano de Lemos,
Pois que é assim seu chamar,
Nesse tal dia nasceu
Nesse pequeno lugar.
Depois que chegou à idade
Ao Porto veio estudar,
E as aulas do Liceu
Principiou a cursar,
Mostrando desde o começo
No que havia de vir dar,
Pois que ainda tão menino
Começou a rabiscar.
Passando na Academia
À Escola foi parar.
Onde no primeiro ano
Um R lhe foram dar,
Injustiça reparada
Dando-lhe lá um lugar,
Onde brilhou por maneira
Impossível de narrar.
Agora, que chega o dia
De se poder reformar,
Em tão bela companhia
Vai papar um bom jantar.

Anónimo [aliás, João de Meira, 1911]

Saber

Saber, filho espúrio da Verdade,
A quem a mãe cruel sempre enjeitou!
Tu que quanto mais cresces em idade
Mais longe vês a mãe que te gerou,

Para que ao começar-lhe a mocidade
Foi que teu hálito rude o bafejou?
Pois para que há-de ele, para que há-de
Cansar um dia que inda não chegou?

De que vale, Saber, o consumir
Esterilmente um ano e outro ano.
Se o tempo tudo há-de enfim delir?

De que vale, Saber, estudo insano,
Se o passado, o presente e o porvir
São engano... são tudo o mesmo engano!

Antero de Quental [aliás, João de Meira, 1911]